

27 OUT 1989

Sarney espera ser visto como estadista

ALLAN MADSEN

SAN JOSÉ — Provavelmente em sua última oportunidade de conquistar alguns trunfos importantes no plano da política internacional, com conseqüentes reflexos internos, o presidente José Sarney desembarcou ontem em San José, capital da Costa Rica, para uma reunião de cúpula entre 17 presidentes de países considerados democráticos nas Américas. George Bush, dos Estados Unidos, estará presente às reuniões informais de trabalho que serão realizadas hoje. Sarney espera ouvir dele algumas declarações definitivas a respeito de um novo tratamento para a questão da dívida externa e da possível superação de problemas no relacionamento bilateral Brasil/Estados Unidos.

Acima de tudo, no entanto, o presidente brasileiro gostaria de ser reconhecido como um dos grandes impulsionadores de uma nova e ainda potencial integração entre os países da América Latina e como um dos pioneiros, entre as lideranças do continente, no esforço articulado em direção a uma solução política para o problema da dívida externa. Ainda que Sarney não consiga tudo o que pretende, diplomatas creditados em San José acreditam que a reunião de hoje poderá render alguns importantes avanços na condição política da América Latina.

O pretexto da reunião convocada pelo presidente Oscar Arias foi a comemoração do centenário da praticamente

ininterrupta democracia na Costa Rica, um recorde inigualado na América Latina. Além de objetivos de política interna, no entanto, Arias alimenta outros mais ambiciosos e de extensão ainda não revelada. O presidente costarricense tem um precedente em seu currículo que autoriza crédito às suas iniciativas internacionais: foi ele o principal responsável pela pacificação da Nicarágua, o que lhe rendeu o prêmio Nobel da Paz em 1987. Para acabar com a guerra civil nicaraguense, Arias reuniu a liderança dos "contras" com o presidente eleito Daniel Ortega e bloqueou, manobrando habilmente com o congresso dos EUA, a ajuda militar que o então presidente Ronald Reagan insistia ainda em fornecer aos "contras".

Oscar Arias programou para hoje duas reuniões multipresidenciais de trabalho com o formato que julga mais propício ao avanço nas discussões em pauta. Os 17 presidentes vão discutir com a presença apenas de um mínimo indispensável de assessores para debater os chamados "seis D": dívida, democracia, desenvolvimento, desmatarmento, drogas e desarmamento. Além destes temas, que envolvem objetivos que muitos latino-americanos consideram incompatíveis, outros assuntos deverão ser abordados com intensidade, como a questão da ditadura panamenha, comandada pelo general Manuel Noriega. Os discursos protocolares foram literalmente proibidos por Oscar Arias, de conhecida aversão pela retórica.

27 OUT 1989
ESTADO DE SÃO PAULO